

CÁTEDRA UNESCO DE COMUNICAÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA



**MEMÓRIA DAS CIÊNCIAS
DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL:
OS GRUPOS DO CENTRO-OESTE**

José Marques de Melo
Jorge Duarte
(organizadores)

Osvaldo Ferreira, 1990

207.2

FICHA CATALOGRÁFICA

Memória das ciências da comunicação no Brasil:
os grupos do Centro-Oeste / organizado por: José Mar-
ques de Melo; Jorge Antonio Menna Duarte. – Brasília :
UniCEUB, 2001. 352p.

I. Comunicação. I. Melo, José Marques de. II. Duarte,
Jorge Antonio Menna.

ISBN: 85-87589-08-3

CDU : 659.3

Capa: Anderson Ferreira Borges

Foto da capa: Praça dos Três Poderes, Brasília
(Anderson Ferreira Borges)

Fotos: Paulo Fonseca e arquivo

Editoração eletrônica: José Martins Silvestre

Revisão: Autores



*José Luiz Warren
Jardim Gomes Braga.
Um caminhante
refletindo sobre as
interações sociais*

Por Graça França

José Luiz Braga foi professor da Universidade de Brasília (UnB), onde lecionou nas Faculdades de Educação e de Comunicação. Hoje é Professor Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Seus trabalhos são voltados para questões que envolvem as áreas de Comunicação e Sociabilidade (análise das relações entre processos sociais e formas comunicativas), e de Mídia e Recepção (análise das práticas midiáticas, do ponto de vista das condições de recepção e de consumo).

José Luiz Braga nasceu em Porto Alegre (RS), em 5 de janeiro de 1940. Com dois anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro, iniciando um processo de constantes deslocamentos que duram até hoje. Morou em Pernambuco, no interior de São Paulo, na França, nos Estados Unidos, na Paraíba e em Brasília. Entre essas idas e voltas, acabou ficando por 16 anos em Brasília, cidade que acolhe inquietos e nômades. Sua atuação como professor e pesquisador é tão diversificada quanto seus percursos na vida. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, São José dos Campos (SP), em 1962, três anos depois recebia o certificado de obtenção dos créditos requeridos para o Doutorado de Universidade em Ciências Políticas, na *Université de Toulouse*, na França. Em 1972 terminou o Mestrado em Siste-

mas Instrucionais, do *College of Education* da *Florida State University*, nos Estados Unidos, e, em 1984, o Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação, no *Institut Français de Presse, Université de Paris II*.

Falar sobre José Luiz Braga e sua contribuição para a formação da Ciência da Comunicação no Brasil é tão instigante quanto desenvolver uma pesquisa sob sua orientação. Primeiro, deparamos com um amplo território a ser percorrido, onde vários são os caminhos para chegar ao nosso objeto de interesse. É preciso escolher qual deles trilhar. Depois, verificamos que nosso objeto dialoga conosco, nos influencia, nos modifica, e que é necessário distanciar um pouco a nossa visão para, reconhecendo a individualidade do olhar, manter a objetividade implícita num trabalho dessa natureza.

Conheci o professor José Luiz Braga durante uma disciplina que ele ministrou num curso de pós-graduação em Comunicação Social (*lato sensu*), no Centro de Ensino Unificado de Brasília (UnICEUB), em 1992. Aluna do curso, fiquei imediatamente surpreendida com a profundidade e a abrangência de seus conhecimentos em relação ao campo da Comunicação, e a clareza com que ele via sua interação com os demais campos científicos. Hoje, analisando sua história de vida e sua produção acadêmica, vejo quão fiel à realidade foi aquela minha primeira impressão.

O início: entre Brasil, Europa e Estados Unidos

Na década de 60, o jovem bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais começou a lecionar no ensino público secundário estadual de São Paulo, em São José dos Campos. Em 1965, depois de um ano na França, onde fez o curso pós-graduado de Ciências Políticas e outro sobre Desenvolvimento Regional, no *Institut d'Études Internationales et des Pays en Voie de Développement*, retornou a São José dos Campos e ao ensino secundário.

Para dar suporte à televisão educativa e permitir a ampliação dos circuitos telefônicos, o Instituto de Pesquisas Espaciais (à época, do CNPq) tinha começado a estudar, em 1968, a implantação de um ambicioso projeto denominado SACI (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares). Tratava-se do lançamento de um satélite doméstico brasileiro, visando a alcançar a integração nacional (Vampré, 1979). O lançamento do satélite brasileiro foi adiado, mas o projeto de educação a distância permaneceu, reunindo pesquisadores e professores no CNPq/INPE, em São José dos Campos. Foi no SACI que José Luiz Braga passou o período de 1970 a 1974, chegando a assumir a sua coordenação geral. A título experimental, o programa de educação via satélite abrangia 500 escolas no interior do Rio Grande do Norte, com ensino primário e formação para professores leigos (Ministério das Comunicações, 1978). Nesse período, ele obteve o título de Mestre em Educação nos Estados Unidos, e, retornando ao Brasil, participou da implantação do Mestrado em Tecnologia Educacional do INPE. Foi no Instituto de Pesquisas Espaciais que Braga desenvolveu os primeiros contatos com colegas pesquisadores que resultariam, além das amizades duradouras, em uma estimulação contínua da reflexão e de uma troca de experiências que ele considera fundamentais em sua formação. Ele cita nomes como Arnon de Andrade, Climério Ferreira, João Batista Campanholli, José de Castro, Regina Calazans, Branca Manassés, entre muitos outros, que hoje, espalhados em diversas atividades de Comunicação no País, permanecem como referência afetiva e intelectual para ele.

Uma rápida passagem por Brasília

Em 1974 era criado o Programa de Mestrado em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB). Nesse mesmo ano, José Luiz Braga mudou-se para Brasília. Sempre transitando entre as áreas da Educação e da Comunicação, foi dar aulas no Departamento de Métodos e Técnicas, da Faculdade de Educação. Ali, assumiu a chefia do Departamento.

É dessa época o seu artigo "Sala de Aula – Meio de Comunicação & Situação de Aprendizagem" (Braga, 1978 e 1979). Nele, o autor redefine o conceito de sala de aula, inicialmente considerando-a um meio de comunicação com características expressivas próprias, e, num segundo momento, uma situação de apropriação e uso. Nesse sentido, ele deixa de considerar essencial o aspecto físico da sala de aula (a sala propriamente dita), em benefício do que nela acontece (e que, eventualmente, pode acontecer fora dela): a reunião pessoal. Sob essa ótica, é possível desenvolver processos, métodos e técnicas tendentes a superar a perspectiva do estudante como um receptor passivo, tornando-o agente de seu próprio aprender, o que recoloca a sala de aula como uma situação educacional atual e integrada com a realidade (Braga, 1978). Essas reflexões decorrem também, segundo Braga, de sua vivência no INPE, de São José dos Campos – quando orientou o trabalho de conclusão de Mestrado de um grupo de estudantes, colegas seus, em que estes discutiam a pluralidade e a interação de meios de comunicação, generalizando o próprio conceito e trabalhando (como foi o caso de Branca Manassés) a sala de aula no conjunto geral dos meios, ou a então ainda em voga Instrução Programada, em suas perspectivas comunicacionais (Salma Challub).

Desde 1974, o governo do Presidente Ernesto Geisel, que havia se proposto a dar novos rumos ao Brasil e a prepará-lo para uma abertura lenta e gradual, adotava movimentos pendulares na execução de seu projeto político, alternando medidas distensionistas com o pródigo uso do Ato Institucional nº 5. Com o País enfrentando a crise mundial de energia, os escândalos no setor financeiro, uma inflação de 40% ao ano e uma dívida externa bruta de 43 bilhões de dólares, a sociedade civil se rearticulava e saía às ruas, pedindo a volta da liberdade democrática.

Foi o momento em que se retomou o movimento estudantil, inicialmente na Bahia e em Brasília. Os estudantes da UnB, em greve, estimularam a ação de uma parcela do corpo docente da Universidade. O movimento ali desenvolvido, em reação a uma invasão do *campus* pela Polícia Militar, teve desdobramentos que levaram à demissão política do professor José Luiz Braga. Era sua primeira passagem pela UnB.

Apesar dos momentos difíceis e de crise, Geisel legou a seu sucessor, João Figueiredo, um país com o AI-5 extinto e o Congresso em funcionamento. Terminava a "distensão" e iniciava-se um período dito "de esperança".

O ano de 1978 vai encontrar José Luiz Braga em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi um período em que a UFPB teve um acelerado desenvolvimento, reunindo mestres e doutores de todo o Brasil, em um programa conduzido pelo Reitor Lynaldo Cavalcanti – sem preocupações com o perfil político dos contratados. A abertura tinha chegado a João Pessoa, antes de chegar ao resto do Brasil. Primeiro no Departamento de Metodologia da Educação, Braga transferiu-se para o Departamento de Artes e Comunicação, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, onde ficou até o início de 1987. Ali também exerceu a função de chefe de departamento.

A Universidade Federal da Paraíba, nesse período, foi um espaço de intensa experimentação intelectual e política acadêmica. O intercâmbio entre os mais diversos departamentos e especializações marcou o olhar e a percepção de abrangência de nosso pesquisador. O trabalho organizado em projetos, em objetivos de desenvolvimento do conhecimento e de reflexão sobre os desafios pedagógicos do Ensino Superior, foi uma experiência de vida e de processos intelectuais para José Luiz Braga. Vêm desse período o seu contato inicial e o aprofundamento de amizades, que, depois, vão reverter em atividades comuns no campo dos estudos da Comunicação. Albino Rubim, Antonio Fausto Neto, Linda Rubim eram também professores no Departamento de Artes e Comunicação da UFPb – hoje, em outras universidades, continuam participando centralmente no desenvolvimento da área.

É dessa época a sua tese de doutorado na França, intitulada *Pasquim – hebdo brésilien d'humour*, defendida em 1984. Orientada pelo professor Maurice Mouillaud¹, a pesquisa aborda a imprensa alternativa, o jornalismo de humor e as condições políticas de produção de informação no Brasil, durante os anos do chamado “vazio cultural”. Posteriormente a tese transformou-se no livro “O Pasquim e os anos 70 – mais pra épa que pra oba...”, publicado em 1991, pela Editora UnB, em Brasília.

Ao analisar o Pasquim, Braga adota, segundo ele “ainda de maneira mais ou menos intuitiva”, a perspectiva de “lugar de fala” como conceito metodológico. Por meio da busca de oposições e identificações entre o jornal e a situação em que ele “acontece”, o autor verifica como o Pasquim elaborou seu discurso de oposição e propôs sua resposta como uma antítese ao regime, construindo, assim, sua própria fala. O conceito de “lugar de fala” como possibilidade de análise dos produtos culturais foi depois aprofundado por José Luiz Braga, resultando em artigo publicado no livro “A Cultura e as Mídias” (1997b).

De volta a Brasília: FAC, Compós e outras conquistas

1987. O Congresso Nacional convoca a Assembléia Nacional Constituinte, que, após 578 dias de atividades, encerra o trabalho de elaboração da nova Constituição brasileira, aprovada em setembro do ano seguinte. Era a renovação das estruturas políticas do País, após a retomada do regime democrático. No mesmo movimento, ainda antes da Constituição, tinha sido votada uma anistia geral que possibilitou a reintegração de numerosos cassados e demitidos por motivo político.

José Luiz Braga deixa a Paraíba e volta a lecionar na UnB, desta vez no Departamento de Comunicação, anistiado e reintegrado à Universidade de Brasília. Tão logo voltou à UnB, assumiu a função de subchefe do Departamento. Paralelamente às aulas, Braga dedicou-se a um novo desafio: redigir e coordenar o projeto que transformaria o Departamento de Comunicação em Faculdade de Comunicação, fato que ocorreu em abril de 1989. Em depoimento publicado no livro “Jornalismo de Brasília: impressões e vivências” (1993), coordenado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, o professor Luís Martins assim se refere à sua participação nesse processo: “A Faculdade de Comunicação da UnB, é necessário que se diga, só há cerca de três anos recuperou suas prerrogativas pois, na maior parte desses 30 anos, esteve rebaixada a departamento. Graças ao

¹ Maurice Mouillaud é professor do *Institut Français de Presse* e professor emérito da *Université Lumière*, Lyon, França.

empenho e à tenacidade do professor José Luiz Braga, o curso de Comunicação da UnB voltou à estrutura de Faculdade, contando com dois Departamentos, o de Jornalismo e o de Audiovisuais e Publicidade” (Martins, 1993: 52-67).

No início da década de 90, primeiro como Diretor da Faculdade de Comunicação (1989 a 1991), e depois como professor nos cursos de graduação e mestrado, Braga participou de vários projetos importantes para a consolidação do curso de Comunicação na UnB. Entre eles, o de reestruturação do Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), e uma proposta inovadora de revisão curricular do curso de graduação em Comunicação.

Sempre atentos à importância da produção de conhecimento no campo da Comunicação, os professores Sérgio Dayrell Porto, também da UnB, e Antonio Fausto Neto, à época na UFPh, representantes da área da Comunicação, respectivamente na CAPES e no CNPq, organizaram uma reunião em Goiânia, em março de 1991, com a proposta de criação de uma entidade para promover o intercâmbio das atividades de pesquisa e formação entre os sete programas de pós-graduação em Comunicação existentes. Nessa reunião, foi atribuída a Braga a coordenação de um grupo de trabalho para a organização preliminar do que viria a ser a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. Três meses depois, em junho de 1991, a Compós foi fundada em reunião na Cidade de Belo Horizonte.

A Compós tem por objetivo buscar a qualificação da pós-graduação em Comunicação no País, estimular o desenvolvimento da pesquisa e ampliar o intercâmbio entre os programas e as instituições afins, nacionais e internacionais. Anualmente, a entidade promove um encontro nacional, estruturado em grupos de trabalho integrados por professores e pesquisadores dos programas de pós-graduação da área, no qual são apresentados e debatidos estudos que buscam refletir sobre os avanços científico, tecnológico e cultural, no campo da Comunicação.

José Luiz Braga foi o segundo presidente da Compós, de 1993 a 1995.

A cada encontro, a Compós publica um livro reunindo estudos e pesquisas selecionados entre aqueles apresentados nos diferentes grupos de trabalho. Entre os vários livros produzidos pela Compós, Braga foi organizador, junto com Antônio Fausto Neto e Sérgio Dayrell Porto, de dois: “Brasil – Comunicação, Cultura & Política”, publicado em 1994, e “A encenação dos sentidos – Mídia, Cultura e Política”, em 1995. Na apresentação dos livros, a Compós ressalta o significado dessas coletâneas para os estudiosos do campo da Comunicação, ao defini-las como “um projeto editorial voltado para a visibilidade da atual produção científica da comunicação e, ao mesmo tempo, o preenchimento de lacunas que se apresentam na oferta de material editorial de caráter didático” (Fausto Neto et al., 1994).

Vale ressaltar a atuação de Braga no projeto de recuperação do curso de Mestrado em Comunicação da UnB. Estávamos no primeiro semestre de 1996, e a Comissão de Avaliação da Área de Comunicação do Ministério da Educação/CAPES atribuiu menção “C” ao nosso curso, até pouco tempo antes considerado de excelente qualidade. Passado o momento inicial de perplexidade, vieram as preocupações. Com aquela menção, alguns estudantes corriam o risco de perder suas bolsas de estudos. O que fazer para que o curso recuperasse o conceito anterior?

Com a objetividade que lhe é peculiar, José Luiz Braga propôs a implementação de um conjunto de atividades para “resgatar” o Mestrado. Desenvolvido durante dois anos, o projeto continha propostas encaminhadas pelos demais professores e um vasto leque de medidas, tais como: modificação do sistema de seleção, reconceitualização pedagógica, mudança da estrutura de disciplinas e atividades, reordenação da sistemática de funcionamento das linhas de pesquisa e de suas relações com ensino e orientação. Após um ano de implantação do projeto Resgate, os resultados começaram a aparecer, e, na avaliação da CAPES, de junho de 1998, o Programa de Mestrado em Comunicação da UnB recuperou a menção “B” (atualmente denominada “4”).

Mais recentemente, Braga participou de ampla discussão coletiva da área sobre as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Comunicação. Ao final dos debates, o texto das Diretrizes encaminhado ao MEC (e assumido pela Comissão de Especialistas de Ensino da Área da Comunicação como representativo da área), teve José Luiz Braga como membro da Comissão de Redação, junto com Albino Rubim (Universidade Federal da Bahia – UFBA) e José Salvador Faro (Universidade Metodista do Estado de São Paulo – UMESP).

Em 1996 Braga retoma o conceito de “lugar de fala”, utilizado, de modo tentativo, no estudo sobre o Pasquim. Para desenvolver esse conceito, o autor parte da premissa de que toda fala² necessariamente faz sentido – “por mais absurdo, contraditório ou equivocado que nos pareça” – em algum lugar, segundo uma determinada ótica, relacionado a uma inserção específica em uma situação concreta, historicamente dada. Esse “lugar de significação” não é inteiramente preexistente à fala: ele se constrói na trama entre a situação concreta com que a fala se relaciona, a intertextualidade disponível, e a própria fala, vista, nesta perspectiva, como dinâmica selecionadora e atualizadora de ângulos disponíveis, e construtora da situação interpretada. Daí, segundo ele, a insuficiência em se buscar a significação apenas na estrutura formal da fala, ou exclusivamente nas inserções interdiscursivas (ideológicas), ou somente nas circunstâncias do contexto. É necessária a observação integrada de todos esses componentes do sentido.

“A estruturação interna da fala decorre da construção de uma determinada “lógica” no trato de uma situação concreta. Essa lógica, enquanto articulação entre fala, textos disponíveis e situação, pode ser chamada de “lugar de fala”. Vista deste lugar (grifo do autor), a fala faz sentido e se articula aí com os dados materiais da situação e a intertextualidade disponível”. (Braga: 1997b)

Procurar o lugar de fala corresponde a buscar estruturas significativas³ imediatas de uma fala, trabalhar no nível do concreto, identificando afirmações gerais, ao mesmo tempo em que se levantam diferenças e especificidades, para entender como tudo isso funciona na prática, na escala do evento específico. Pesquisar um lugar de fala corresponde a buscar o máximo de concretude conceituável dessa fala, observando o tipo de situação de que ela participa e como trata de reagir à situação e construí-la.

² Para o autor, a expressão “fala” tem um sentido amplo que pode ser aplicado a todo enunciado (Bakhtine, 1979), e a produtos da reprodutibilidade técnica (Benjamin, 1985). A opção por este vocábulo está na tendência do autor de associá-lo a uma situação concreta, específica, historicamente descritível. No seu sentido restrito, segundo Braga, a fala é sempre um evento, acontece naquele momento, e, embora possa ser contada e repetida, é sempre referida à situação com a qual “faz evento”.

³ O conceito de estruturas significativas foi desenvolvido por Lucien Goldmann (1970).

José Luiz Braga permaneceu na UnB até 1999, quando mudou-se para o Rio Grande do Sul para lecionar, como professor titular, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e integrar a comissão de coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, e a Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa daquela universidade.

Um novo ângulo para a interatividade mediática

Selecionar o que melhor representa o pensamento de José Luiz Braga, e sua contribuição para a formação da Ciência da Comunicação no Brasil, pareceu-me tarefa pretenciosa. Por isso, decidi recorrer a ele para fazer a triagem. O resultado não poderia ter sido melhor: "Interatividade & Recepção" (2000a) e "Constituição do Campo da Comunicação" (2000b), por ele sugeridos para minha análise, são dois artigos que bem sintetizam as preocupações acadêmicas de Braga. Em fase de publicação, ambos foram apresentados em maio deste ano, durante o IX Encontro Nacional da Compós, em Porto Alegre.

Em "Interatividade & Recepção", Braga faz reflexões sobre o conceito de interatividade aplicado aos meios de comunicação e seus produtos, propõe uma revisão conceitual, apresenta uma concepção de interatividade mediática social ampla e conclui indicando algumas perspectivas preliminares sobre a aplicabilidade desse modelo de interatividade aos estudos de recepção.

O artigo começa com uma crítica à aplicação do modelo de interações conversacionais (face a face) à interatividade mediática, uma vez que são fenômenos distintos. O modelo conversacional trata da interatividade direta, com reciprocidade entre fala e escuta dos interlocutores, estejam eles em situação presencial ou não, como em trocas de correspondência, conversas telefônicas ou troca de mensagens por *e-mail* e *chats*. Além da reciprocidade constitutiva, que determina um dialogismo imediato, o processo se constrói em tempo real, na dependência sucessiva das trocas entre interlocutores, e a interatividade é "simétrica", ou seja, a toda fala pode se seguir outra fala, a toda fala corresponde uma escuta, e os interlocutores dispõem essencialmente dos mesmos recursos para dar andamento a sua interação. Já a interatividade mediática não é dialógica, não apresenta, em geral, reciprocidade entre interlocutores, e é tipicamente assimétrica.

Dai a proposta de Braga de rever o conceito de interatividade para torná-lo mais adequado aos meios de comunicação e seus produtos. O primeiro passo nesse sentido, segundo ele, é afastar o modelo conversacional como base descritiva do fenômeno, e buscar caracterizar a interatividade mediática não por suas lacunas, mas por suas características próprias, de interação diferida e difusa. Em segundo lugar, é preciso dar consequência à percepção evidente de que essa interatividade afasta, no tempo e no espaço, os "interlocutores", instaurando entre eles canais e produtos que, por essa razão, incluem, para além das interações que se passam "entre interlocutores", outras instâncias de passagem, outras ações e interações, que são justamente diferidas no tempo e difusas no seu alcance.

Braga argumenta que a interatividade deve ser vista como um processo socialmente construído, em que, se algum componente merece alguma centralidade, não será o "meio",

mas o “produto” concreto, elaborado segundo estruturas historicamente desenvolvidas. Mesmo sob essa perspectiva, ele ressalva, o que importa efetivamente é como o produto circula na sociedade, desde a sua produção até os seus usos, incluindo aí sua presença como objeto de cultura.

Sua premissa básica é que, se um produto mediático é posto em circulação na sociedade, e efetivamente circula, há inevitavelmente interatividade. O trabalho de pesquisa seria, portanto, verificar (em determinadas situações, e com referência a determinados produtos e meios) como a interatividade parece estar sendo operada – seja em casos pontuais específicos, seja como tendências, em relação a determinados tipos de produtos ou tipos de situação.

O modelo de interatividade diferida/difusa, proposto por Braga, envolve mais que relações diretas e bidirecionais entre produtores e receptores em torno de um produto específico. Envolve relações amplas entre um subsistema produtor/produto e um subsistema receptor/produto, imersos em um ambiente geral de mediações culturais com o qual também interagem. Entre essas mediações culturais, ele destaca a existência de um subsistema crítico-interpretativo que engloba procedimentos críticos, gerados pela sociedade, sobre os produtos e as interações sociais tecidas em torno desses produtos. Nesse subsistema estão incluídas as mais diversas atividades sociais e culturais, desde as críticas acadêmicas até as críticas jornalísticas, passando pelas reações das instituições da sociedade civil diante de questões mediáticas.⁴

Finalizando o artigo, Braga sugere a observação do produto mediático como objeto empírico central nos processos de interatividade, fazendo algumas considerações sobre sua organização como decorrência de, e base para, interatividade.

“... para além das possibilidades, ofertas e limites determinados pelos meios de comunicação, com suas tecnologias, linguagens e substâncias expressivas (imagem, expressões gráficas, som, expressões verbais escritas ou orais, em doses e composições variáveis), a organização e as estruturas social e historicamente desenvolvidas enquanto produtos e tipos de produto é que são fundamentais como propiciadoras e qualificadoras da interatividade.”
(Braga: 2000a)

Assim, parece ao autor que a história de alguns produtos (como o rádio e a tv, em contraposição ao livro e às artes tradicionais) é ainda excessivamente recente para ter gerado estruturas rigorosas e valoráveis, e que, correlatamente, não soubemos ainda desenvolver (com suficiente generalidade e penetração), um subsistema crítico-interpretativo capaz de tensionar produtivamente os trabalhos de criação e produção, e de eficazmente estimular, cobrar, avaliar e selecionar bons produtos.

Com base nisso, ele conclui que, quanto menores forem as competências sociais gerais para interagir em torno de um produto, maiores serão os riscos de incompreensão, de manipulação, de inculcação e de usos interesseiros (na produção), ingênuos (na recepção) e equivocados (na análise). E os produtos serão menos valoráveis socialmente e menos competentes para estimular uma boa interatividade.

⁴ Esse conceito de sistema crítico-interpretativo é elaborado em artigo posterior (Braga, 2000c).

A interação como foco para os estudos da Comunicação

O segundo artigo, "Constituição do Campo da Comunicação", apresenta algumas propostas que retratam as reflexões de Braga sobre o assunto, nos últimos anos.

Para desenvolver seu raciocínio, ele toma, como ponto de partida, duas considerações preliminares abordadas de forma muito bem-humorada. A primeira se refere à discussão sobre o estatuto acadêmico do campo da Comunicação. Em oposição a esse debate, por ele considerado "ocioso", prefere assumir a existência desse "campo social" como base suficiente para as reflexões a serem feitas. A segunda é sua recusa "expressa" em aceitar a proposta de explicação do campo por sua "natureza interdisciplinar", seja ela entendida como espaço atravessado por problemas e abordagens oriundos em outras disciplinas ou tecnologias, seja como espaço apenas de interface, seja, ainda, num terceiro sentido "vago e pouco refletido", como se fosse uma espécie de terreno vazio, sem outra existência senão pelo fato de que todas as disciplinas humanas e sociais tivessem alguma coisa a dizer sobre o tema.

Ultrapassadas as preliminares, ele passa à caracterização do que considera ser o objeto de conhecimento da Comunicação. Após descartar uma perspectiva holística, em que "tudo é comunicação", e outra reducionista, em que o núcleo do campo é identificado segundo algumas preferências pessoais, ou grupais, de enfoque, sugere duas outras possibilidades menos polares.

"Uma delas é a proposta de que o objeto da Comunicação é toda e qualquer "conversação" do espaço social. Ou melhor: o que há de propriamente "conversacional" e de troca (simbólica e de práticas interativas) nas diversas instâncias e situações da vida social. Em contraposição a esta visão da comunicação generalizada (mas ainda com ênfase nos processos comunicacionais – de trocas simbólicas e práticas, portanto) uma preferência mais circunscrita, enfocando apenas o que ocorre nos "meios de comunicação social" (MCS ou mídia)." (Braga, 2000b)

Optando pela perspectiva mais ampla, ele vai buscar na obra do professor Francisco Rüdiger o objeto dos estudos da Comunicação: a "conversação da sociedade". Reproduzindo uma citação que Rüdiger faz de Gabriel Tarde, Braga destaca a proposição desenvolvida por aquele autor, de que a conversação constitui "uma espécie de mediação cotidiana das relações sociais, da difusão das idéias e da formação das condutas que têm lugar na sociedade". Esta, conclui ele, "é uma excelente síntese do que constituiria, em essência, o nosso objeto" (Rüdiger, 1998:16).

O termo "conversação", continua Braga, tem a vantagem de não se confundir com qualquer outro tipo de processo social. E ressalta o aspecto de troca comunicacional implícito à expressão "conversar", com uma ressalva: como os termos "conversação" e "conversa" deslocam para o espaço social amplo o que ocorre entre pessoas, em situação presencial, é preferível a sua substituição pela expressão "interação social", "interação comunicacional" ou, simplesmente, "interação".

No intuito de verificar a possibilidade de eficácia da perspectiva mais ampla, Braga levanta alguns pontos para reflexão:

O primeiro envolve a questão de conseguir fazer conviver essa perspectiva sobre o comunicacional, com a importância evidente dos processos midiáticos nos estudos do campo acadêmico da Comunicação. Braga observa que a mídia, embora não se caracterize como objeto único dos estudos em Comunicação, interage com os espaços não-midiáticos, em função de suas características de inclusividade e de penetrabilidade.⁵

O segundo ponto de reflexão diz respeito ao compartilhamento de estudos em campos distintos. Aí a questão é como “desentranhar” o objeto “comunicação” e lhe dar identidade *no campo*, não confundida com os papéis específicos atribuídos pelas demais disciplinas particulares, observa Braga. Na sua visão, tudo indica que esse compartilhamento permanecerá durante muito tempo, cabendo à área da comunicação ser a principal proponente de questões e problemas específicos, e às demais áreas continuarem a ser as principais fornecedoras de rigor teórico e de substratos metodológicos para a pesquisa.

A terceira reflexão contempla a constituição “interna” do campo, comumente designada de subáreas. O importante nesse ponto, destaca Braga, é a possibilidade de organizar o campo em termos práticos, de modo suficientemente específico e abrangente para situar os principais núcleos e enfoques, mantendo a porosidade estimuladora de interações com as demais ciências humanas e sociais, “sem ter que se dar como fronteira guardada nem como encruzilhada passivamente atravessada”.

Uma última questão se volta à distinção entre Comunicação e Cultura. Para ele, um dos riscos de adotar a perspectiva de objeto comunicacional mais amplo que os processos midiáticos é o de que, nos espaços sociais mais difusos, se perca a especificidade do enfoque, diluído na questão cultural, conforme abordado pelo próprio Braga no artigo “Interatividade e Recepção”, já comentado.

Com toda certeza, os questionamentos e as reflexões de José Luiz Braga não param aqui. Nem suas andanças pelo mundo. Onde quer que esteja, será sempre atingido pelos problemas e desafios, por vezes insuperáveis, como ele mesmo diz, propostos por tudo o que diga respeito às coisas humanas e da comunicação. E, para enfrentá-los, sentir-se-á sempre estimulado a propor novos ângulos de observação e novas possibilidades de análise, enriquecendo as correntes de pensamento que ajudam a formar a Ciência da Comunicação no Brasil.

Referências Bibliográficas

- BAKHTINE, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, in *Obras Escolhidas*, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FAUSTO NETO, A., BRAGA, J.L. PORTO, S.D. (orgs.). *Brasil – Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- GOLDMANN, L. O Conceito de Estrutura Significativa na História da Cultura, in *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

⁵ A *inclusividade* se refere à característica de os novos recursos áudio e visuais *incluírem* (no sentido de subsumir) tudo o que, em termos de som e imagem, possa ser representado. Ao fazer isso, eles também captam os processos do espaço social registráveis por seus equipamentos. A *penetrabilidade* se refere à característica do meio/processo de comunicação, ao incluir, *penetrar* nos processos sociais, modificando-os em função de seus próprios modos operatórios (Braga, 1999).

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. *Serviços postais e telecomunicações*. Brasília: MINICOM, 1978.

MARTINS, Luis. Formação acadêmica: base técnica para o Jornalismo, in *Jornalismo de Brasília: impressões e vivências*. Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF. Brasília: Lantana Comunicações, 1993.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Paulo: Edicon, 1998.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. *Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão*. Porto Alegre: Feplam, 1979.

Livros e artigos publicados

O Pasquim e os anos 70. Brasília: Editora UnB, 1991.

Brasil – Comunicação, Cultura e Política. (orgs.) BRAGA, José Luiz, FAUSTO NETO, Antonio e PORTO, Sérgio Dayrell. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1994.

A encenação dos sentidos – Mídia, Cultura e Política. (orgs.) BRAGA, José Luiz, FAUSTO NETO, Antonio e PORTO, Sérgio Dayrell. Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1995.

Campo de Estudos em Comunicação, in Revista Brasileira de Teleducção, nº 7. Rio de Janeiro, 1974.

Tecnologia Educacional – uma definição tentativa, in Revista Brasileira de Teleducção, nº 10. Rio de Janeiro, 1975.

Sala de Aula – meio de comunicação e situação de aprendizagem, in Revista de Tecnologia Educacional, nº 25. Rio de Janeiro, nov/dez de 1978 e in Cadernos de Comunicação da ABEPEC, nº 2. Rio de Janeiro, 1979.

Abordagem de Sistemas – apenas um instrumento de trabalho, in Revista de Tecnologia Educacional, nº 33. Rio de Janeiro, 1980.

Comunicação Social – desenvolvimento da área e tendências, com Maria Regina Zamith Calazans e Antonio Fausto Neto. in Caderno de Textos CCHLA, nº 10. João Pessoa, 1987.

A Censura acabou? in O Jornalismo na Nova República. Cremilda Medina (org). São Paulo: Summus Editorial, 1987.

Telecommunications for University Teaching and Research (an approach to some educational problems), in The impact of satellite technology on university teaching and research. Coleção "Papers on Higher Education", nº 27. Paris: UNESCO, 1988.

As razões da diferença. in Revista "F", Brasília: Laboratório do Departamento de Jornalismo da UnB, 1989.

Regionalização. in A Regionalização da Produção Cultural, Artes e Comunicação. Brasília: Sindicato dos Jornalistas do DF e Decanato de Extensão da UnB, 1991.

Determinantes político-sociais na criação do Pasquim, in VI Seminário de Comunicação e Cultura Contemporânea. Salvador: UFBA, 1991. (mimeo)

A formação de professores para a Comunicação, in Ensino da Comunicação – Análise, Tendências, Perspectivas. (orgs) Erasmo Nuzzi e Margarida Künsh. São Paulo: ECA/ USP e ABECOM, 1992.

- Sobre a Conversação*, in "Brasil – Comunicação, Cultura & Política", (orgs) Antonio Fausto Neto, Sérgio Dayrell Porto e José Luiz Braga, Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1994.
- Comunicação e Sociabilidade: lugar de fala*, in revista "Gerais", nº 47, Belo Horizonte, UFMG, 1995.
- Meios de Comunicação e Linguagens: A Questão Educacional e a Interatividade*, in revista Textos de Comunicação e Cultura, nº 34, Salvador: UFBA, 1995 e in Revista Linhas Críticas, nº 9, Brasília: UnB, 1999.
- Questões Metodológicas na Leitura de um Jornal*, in MOULLIAUD, Maurice e PORTO, Sérgio (org.) "O Jornal – da forma ao sentido", Brasília: Paralelo 15, 1997.
- Lugar de Fala – como conceito metodológico no estudo de produtos culturais*, in "A Cultura e as Mídias" (orgs). Antonio Fausto Neto e Milton Pinto, Rio de Janeiro: Editora Diadorim, 1997. Em publicação: Editora Unisinos, Coletânea "Mídias e Processos Socio culturais".
- Vertigo, de Alfred Hitchcock (Um corpo que cai) - análise crítica sobre a estrutura narrativa do filme*, in revista Comunicação e Espaço Público, nº 2 (Cenários), Brasília: UnB, 1997.
- Liberdade*, in revista Verso & Reverso, São Leopoldo (RS): UNISINOS, 1999.
- Varejo*, in revista Fronteiras, São Leopoldo (RS): UNISINOS, 1999.
- Interatividade & Recepção*, artigo apresentado no IX Encontro Nacional da Compós, Porto Alegre, maio de 2000 (selecionado em primeiro lugar pelo GT Mídia e Recepção para publicação).
- Constituição do Campo da Comunicação*, artigo apresentado na mesa de abertura do IX Encontro Nacional da Compós, Porto Alegre, maio de 2000 (a ser publicado brevemente).
- Desenvolver o sistema social crítico-interpretativo*, artigo apresentado no 1º Seminário Interprogramas, na PUC/SP, em outubro de 2000.



Graça França Monteiro

Jornalista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Mestre em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação da UnB, sua dissertação abordou a Produção da Notícia sobre Ciência e Tecnologia na Embrapa. Foi Assessora de Comunicação Social da Embrapa e professora da União Pioneira de Integração Social (Upis), em Brasília.